

CARTA DE ALFORRIA

Sandra Lyon

O homem chegou na noite de mansinho, como se fosse parte das primeiras sombras. Deslizou pelo oitão da casa, e veio bater à porta da cozinha de Vitorino, que ouviu primeiro passos, depois vozes. Não, ele não identificou aquela criatura magra na escuridão.

— Seu Vitorino, disse o homem.

Foi então que Vitorino fitou aquela cara cabocla, o seu rosto contraiu primeiro e depois se iluminou, abrindo-se num riso largo. Vitorino contornou uma porta e abriu outra, dando passagem ao homem.

— Bons olhos o vejam, amigo.

Abraçaram-se. O homem se acomodou na sala sob a luz baça do lampião, e estava com fome. Na casa de Vitorino a mesa era farta e o feijão sempre dava para todos, mesmo quando a seca estorricava as panelas. Comería sim. E então pegou uma posta de peixe, amontoou pirão em cima dela e comeu.

Através da janela, a cidade estende-se no vale cavado pelo rio, que canta nas pedras, esforçando-se para acompanhar as lembranças: dos frutos das pescarias, do dourado de lombo cinzento, ao surubim de estampa preta, à traíra com fôlego de sete gatos, ao mandi de bigodes dourados, ao bonito listrado de amarelo, ao robalo, à sardinha, à tilápia, ao curimatã de boca miúda de moça. Do peixe escamado, destripado, desespinhado, lavado a limão e água, pronto para cozedura ou fritura, com pimenta do reino, ou pimenta malagueta, cheiro verde, cebola, cebolinha, sal e coentro, amolecido em molho, no pirão de mandioca. A fogo brando.

Vitorino, entendesse, que uma mulher é como sol: tem dias que ilumina, tem dias que arde, queima. E o que aconteceu? Era de se esperar: a mulher esteve na cidade pela primeira vez metida em sedas, pendurada nos brincos, derretendo-se nos perfumes. Pois ela chegou e falou difícil e bonito sobre cidades e estranhos lugares que ninguém nunca tinha visto. Quanta faceirice! Era no rastro dessa mulher que ele queria ir e não em canoas e jangadas sem mastro.

— Seu Vitorino, a gente de vez em quando faz com as mãos o que a gente pede e espera que Deus faça.

— Tem umas idéias que travam as pernas da gente quando entram de supetão, conjecturou o Vitorino.

Zonzeou atrás daquela mulher até que foram morar numa casa de cômodos apertados. Até o dia em que ela desapareceu entre os alecrins. O vento batendo-lhe no rosto, cabelos e saia, o cheiro azul dos alecrins. Seus olhos rolaram pelo despenhadeiro, saltaram a cerca, deslizaram pelo capinzal, saltaram outra cerca, cruzaram uma estrada, e descobriram outros caminhos.

Se olhasse para trás, o que veria? Um cão azedo, seu Vitorino, as ventas espumando de raiva, os dentes arreganhados, prontos para o bote certo.

Chão vermelho, chão estorricado, chão seco, como os rostos dos homens daqui. De tanto castigo, ele já não tinha a mesma pressa de antes. A mulher foi encontrada morta, fria e pálida, cheirando a sebo e mato queimado. O suspeito já estava preso. Quem faz, paga. Faz aqui, paga aqui mesmo, homem.

Não haveria de ser nada, seu Vitorino. Acabara de deixar a prisão hoje. Onde estivera trancafiado por trezentos e sessenta dias. E trezentos e sessenta noites.